

EDITORIAL

O número 47 da revista *Philosophica* que ora se apresenta é um número temático inspirado na premência de se refundar o lugar da Natureza, sendo que esta categoria parece ter perdido a função unificadora que durante séculos manteve enquanto fundamento da visão unitária do mundo e paradigma de ordem e estabilidade. O duplo título – *Thinking Nature Today / Pensar a Natureza Hoje* – responde ao espírito e à letra da chamada para artigos, que mereceu assinalável acolhimento da comunidade filosófica internacional.

Foram as seguintes as questões propostas:

Haverá ainda lugar para uma filosofia da Natureza?

Quais as concepções contemporâneas de Natureza e de natural?

Precisa ainda a filosofia de recorrer à Natureza para pensar a totalidade?

Pode a filosofia da paisagem substituir as filosofias da Natureza clássicas?

Como pode o conceito de Antropoceno contribuir para uma melhor compreensão da Natureza?

Os artigos seleccionados pela Comissão Científica deste número especial respondem às questões enunciadas a partir de três perspectivas muito diversificadas, convergentes porém nas respectivas propostas: a revisitação de doutrinas clássicas da filosofia; a pertinência do pensar filosófico para enfrentar o mundo actual dominado pela tecnologia; o papel da filosofia nas mais recentes orientações das ciências da Natureza.

Em “The Concept Of Nature – From Pre-Socratic *Physis* to the Natural Κόσμος of the *Timaeus*”, Tina Röck explora os usos de ‘*physis*’ enquanto ‘conceito do ser’, tal como foi usado na filosofia grega antiga até ao final do período arcaico. O objectivo da autora é demonstrar um pensamento sobre a Natureza que a toma como um processo dinâmico e criativo, e não simplesmente como o somatório de entes ou determinada pela compreensão matemática dominante desde a Modernidade.

Gaetano Albergo, em “I Recenti Studi sulla Biologia di Aristotele come Contributo per una Critica all’Interpretazione dei *Naturphilosophen*” indaga os motivos da recusa da filosofia aristotélica por parte de alguns filósofos setecentistas da Natureza: seja pelo desconhecimento da obra biológica de Aristóteles, seja pela crítica generalizada ao finalismo, que encerraria, em última instância, o mundo vivente numa ordem metafísica.

Diana Khamis, em “Abstraction: Death by a Thousand Cuts”, propõe uma alternativa de inspiração schellinguiana para o aniquilamento da Natureza a que o pensamento abstracto acabaria por conduzir. Particularmente relevante é a explanação da crítica de Schelling nas *Lições sobre o Método dos Estudos Académicos*, de 1802, à consideração do natural segundo a causalidade mecânica, incluindo nela também o ser humano.

Por seu turno, Christopher C. Kirby aproxima a doutrina pragmatista de John Dewey e o texto chinês conhecido como *Zhuangzi* no quadro de uma filosofia da Natureza regida pelas noções de continuidade e de complementaridade, implicando ambas prescrições éticas sobre as acções humanas (“The Live Creature and the Crooked Tree. Thinking Nature in Dewey and Zhuangzi”).

Considerando o acelerado esbatimento de elementos de naturalidade num mundo altamente mecanizado, Tiago Mesquita Carvalho examina o papel que a Natureza, pelo facto de escapar ao paradigma do ‘dispositivo’ que instrumentaliza todas as coisas como meios, adquire na proposta de Albert Borgmann de uma reforma da tecnologia (“A Natureza na Filosofia da Tecnologia de Albert Borgmann”).

Segue-se um conjunto de estudos centrados na articulação entre Filosofia e Ciência.

Em “How Philosophy of Nature Needs Philosophy of Chemistry”, Jean-Pierre Llored desenvolve o contributo da filosofia da química para uma compreensão renovada do lugar da Natureza na filosofia das ciências, sublinhando a função nela desempenhada pelas modalidades da transformação, da inter-relação e da dependência mútua entre os corpos químicos.

Massimiliano Simons discute o antagonismo de duas posições distintas do homem diante da Natureza – é ele um dos seus elementos ou antes o seu senhor? –, protagonizadas respectivamente nas propostas de Bruno Latour e de Isabelle Stengers, defendendo uma possível conciliação entre ambas (“The End and Rebirth of Nature? From Politics of Nature to Synthetic Biology”).

Morier Clément e Bruno Pinchard respondem à questão de saber se o formalismo contemporâneo é capaz de restaurar uma visão suficientemente plástica das leis naturais, considerando, para tal, os princípios do pensamento topológico de René Thom (“René Thom et la Réhabilitation des Formes Substantielles”).

A secção *Artigos* encerra com “The Unity of Physis”, de José Nunes Ramalho Croca, que adianta os fundamentos de uma física eurítmica não só enquanto unificação epistémica dos dois conhecidos ramos da física, mas também enquanto possibilidade de uma interconexão profunda com as ciências humanas complexas.

Na secção *Ensaio* publica-se a 2.^a parte de “Como Pensam os Chineses Sem Alfabeto?”, de Fernando Belo, intitulada “A Diferença dos Pensamentos”, cuja 1.^a Parte se publicara no n.º 46 de *Philosophica*.

A secção *Recensões* informa sobre quatro obras de Filosofia publicadas em Portugal, em 2015. Rita Teles apresenta *Do Escondido – Santo Agostinho e os Limites da Estética*, de Ana Rita Ferreira; Tomás N. Castro dá-nos a conhecer *Figuras da Luz. Uma leitura estética da metafísica de São Boaventura*, de Filipa Afonso; Francisco Corboz recenseia *Três Questões Sobre Deus*, de Maria Leonor L. O. Xavier; e Filipa Afonso apresenta o volume *Francisco da Gama Caeiro. A presença 20 anos depois*, coordenado por Maria Leonor Xavier. A secção finaliza com a recensão de Maria J. Binetti a *Kierkegaard, Eve and Metaphors of Birth* de Alison Assiter.

O número 47 de *Philosophica* encerra com o Regulamento do Prémio Prof. Doutor Joaquim Cerqueira Gonçalves Para Alunos do 1.º Ciclo/ Cursos de Licenciatura (2016).

Dada a quantidade de artigos com elevado interesse científico que não puderam ser integrados no presente número, a temática da Filosofia da Natureza será retomada num dos próximos, oferecendo outras respostas para as interrogações colocadas.

Cumpre, por fim, um agradecimento aos restantes membros da Comissão Científica que avaliaram as dezenas de contributos recebidos: Leonel Ribeiro dos Santos, Maria Filomena Molder, Markus Gabriel e Rui Moreira.

Adriana Veríssimo Serrão
Elisabete M. de Sousa